

**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA
A ALUNOS QUE NÃO DOMINAM A GRAMÁTICA
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Gabriela Machado Araujo (UFAC)

araujo.m.gabriela@gmail.com

Simone Cordeiro de Oliveira (UFAC)

simonecordeiro.ac@gmail.com

1. Introdução

O inglês é o idioma oficial para a maior parte das transações feitas no mundo hoje. Dessa forma, a necessidade de aprender essa língua vem aumentando cada vez mais. Atualmente a língua inglesa não é apenas um diferencial no mercado de trabalho, mas pré-requisito indispensável para qualquer carreira, principalmente quando consideramos a atividade turística presente em nosso país.

Mesmo com a necessidade reconhecida, os docentes de língua inglesa do ensino regular encontram grandes dificuldades na tentativa de lecionar a matéria. Nem sempre a causa dessa dificuldade deve ser atribuída ao interesse do discente. Outro fator de grande impacto negativo é a falta de domínio da gramática de língua portuguesa apresentada por alunos nativos brasileiros.

Sabe-se da grande importância da prática do que é aprendido em sala de aula em um contexto exterior ao escolar para a aprendizagem dos alunos. Ao ler os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) de língua portuguesa percebe-se que é dada muita importância à aprendizagem de aspectos ortográficos, mas pouca aos aspectos gramaticais da língua. Esses conhecimentos seriam aproveitados no ensino de língua inglesa, entretanto, não são transmitidos ao aluno na base de conteúdos.

Quando parte-se para os PCN de língua inglesa outro problema é notado. Os conteúdos que faltaram de língua portuguesa também faltam em língua inglesa. Os conteúdos abordados já são dados aos alunos como se eles já tivessem um conhecimento prévio, mesmo que seja a primeira vez que esse discente tenha um contato com a matéria.

Ao comparar os *Parâmetros Curriculares Nacionais* das duas disciplinas, percebe-se uma falha no referente ao de língua inglesa. Em língua portuguesa o início se dá com o letramento do estudante que aprende

começando do alfabeto, partindo de um nível baixo para os níveis intermediário e avançado. O mesmo não é feito com a língua inglesa. O primeiro conteúdo abordado já necessita de um conhecimento prévio para uma compreensão satisfatória. Assim, o aluno continua carregando certas carências para os níveis superiores e cada vez mais a aprendizagem torna-se menos satisfatória.

O presente trabalho objetiva destacar a relação entre o ensino das duas disciplinas e o impacto negativo que a instrução precária em língua portuguesa exerce na transmissão de conhecimentos referentes à língua inglesa.

2. A necessidade de aprender inglês no Brasil

O Brasil caracteriza-se por possuir belas paisagens e diversas atrações que atraem o turismo. Assim como a maioria dos países do mundo, esse é um país predominantemente monolíngue. Utiliza-se o português para todas as transações internas oficiais. Mas, considerando o contexto globalizado que se vive atualmente e o caráter turístico do Brasil é impossível desconsiderar a importância da fluência em uma língua estrangeira, principalmente o inglês.

A hegemonia do inglês é explicada através do contexto histórico. A maior potência mundial da atualidade são os Estados Unidos. Essa nação não se destaca apenas pelo poder econômico, mas, principalmente, pela influência cultural que exerce sobre o mundo. Mais que *fast foods* e iPhones, seu idioma oficial é o adotado em todas as transações oficiais internacionais.

Até pouco tempo atrás, inglês era um diferencial no currículo de futuros empregados, mas esse tempo passou, e hoje é uma pré-disposição para a maioria dos cargos pleiteados. Pode-se tomar como exemplo a aviação. No Aeroporto Internacional de Cruzeiro do Sul as empresas locais não fazem a rota Brasil-Peru mesmo que seja mais simples e rápida que as feitas dentro do estado do Acre porque os pilotos contratados até então não possuem ICAO (*Internacional Civil Aviation Organization*), uma prova que mede a proficiência dos pilotos na língua inglesa. Mesmo que o idioma oficial do Peru seja o espanhol, sem a prova de que podem se comunicar sem problemas em inglês os pilotos não são autorizados a voarem para lá.

O diferencial para o mercado de trabalho hoje é a terceira língua

(mandarim, italiano, francês, espanhol). O inglês tornou-se item obrigatório em um bom currículo justamente por ser a língua oficial internacional.

3. O ensino de língua portuguesa aos nativos brasileiros

Ao analisar os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) de língua portuguesa nota-se um acompanhamento minucioso desde que a criança é inserida no ambiente escolar. As crianças são inseridas no contexto educacional com, no máximo, 5 anos de idade (pré-escola). Algumas frequentam creches e o contato com a escola é dado mais cedo, entre 2 a 4 anos. A partir daí começa a alfabetização desses indivíduos. Alguns saem da sala de 5 anos sabendo ler textos simples. Primeiramente é ensinado o alfabeto, o som de cada letra, as sílabas, exceções (quando o “x” tem som de “z” ou “ch”), dígrafos, classificação de palavras etc. Conforme o nível vai aumentando o grau de dificuldade também aumenta.

Uma criança que frequenta o quinto ano consegue decodificar as imagens gráficas no papel e interpretar a mensagem por trás das letras. Conforme o nível vai aumentando temos adolescentes do nono ano que não têm problema algum em olhar para desenhos e expressar por meio da escrita ou oralmente a mensagem transmitida ali, mesmo que não haja nenhuma explicação escrita dada anteriormente para aquele desenho. Isso ocorre porque o conhecimento foi sendo construído aos poucos.

Hoje se fala de inteligências múltiplas, mas quando se referem a esse assunto, também é salientado o fato de serem implicadas facilidade ou dificuldade em relação a certas áreas de conhecimento. Assim sendo, mesmo que um estudante tenha dificuldades para aprender certas regras de língua portuguesa, isso não significa que ele não pode aprendê-las, apenas precisará de mais esforço que os demais colegas e, talvez, um método diferente de mediação desse conhecimento.

4. Preconceito linguístico

4.1. Objetivo da linguagem

Entre as diversas descrições sobre os objetivos da linguagem a mais simples é “transmitir uma mensagem”. Logo, se a mensagem foi transmitida por um emissor e compreendida por um receptor o objetivo da linguagem foi sanado. Avaliando esse conceito mais profundamente

chegamos a Bakhtin. Este afirma em *Estética da Criação Verbal* “(...) cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados (...)”. Assim, entende-se que dentro de um mesmo idioma existem vários microidiomas para cada campo de utilização da língua.

Entender a mensagem vai muito além de entender o significado comum de cada palavra. Cão é oficialmente um sinônimo de cachorro. Dependendo da entonação e do contexto também pode ser sinônimo de diabo ou pode significar um xingamento e ainda infintos significados. Se o receptor não estiver completamente inserido no contexto pode ser que a mensagem não seja transmitida com exatidão.

Isso significa que a língua pode sofrer mudanças sem deixar de ser a língua. Por mais que alguém do Norte chame “venta” e alguém no Sul chame “nariz” saberemos que ambos os vocábulos se referem, em português, à protuberância facial que esconde a cavidade nasal auxiliando no exercício da respiração. Não é errado dizer “venta”, mas em um contexto formal é preferível evitar essa nomenclatura, pois é aceitável apenas em alguns campos de utilização da língua.

4.2. O que realmente é o preconceito linguístico

O Brasil ensina nas escolas a gramática lusitana. Décadas após a declaração da independência o país ainda não se desvencilhou desse aspecto de dominação. O preconceito linguístico nada mais é que reprimir um uso brasileiro de expressão linguística em favor do uso lusitano.

Não se pode acusar alguém de preconceito linguístico por corrigir “você vai” se a correção consistir em “você vão” e não “vós ireis” que não é utilizado no Brasil. Em qualquer campo de utilização da língua portuguesa no Brasil “você vão” é completamente passivo de entendimento, diferentemente de “vós ireis” que talvez não seja compreendido.

O conceito de preconceito linguístico não é uma porta para a desconstrução do conhecimento a aceitar qualquer forma escrita desde que a mensagem seja passada. É, antes de tudo, uma busca pela verdadeira identidade brasileira. Um conhecimento novo onde não é punido o aluno que escreve dentro dos padrões das normas linguísticas brasileiras e que o erro é definido a partir de uma gramática mais brasileira que lusitana.

5. Métodos avaliativos no Brasil

Na maioria das escolas públicas brasileiras a avaliação é feita de, pelo menos, uma prova escrita. Assim, a outra parte da avaliação é feita a critério do professor. Se após o processo avaliativo regular o aluno não atingir a média de qualidade (geralmente 7) ele tem direito a fazer uma prova ou trabalho de recuperação. Se ainda assim o estudante tirar menos que 5 (média mínima para aprovação) ainda é aplicada uma outra prova ou feito um outro trabalho, continuando até que esse aluno obtenha, no mínimo, 5.

Se, por alguma razão, esse discente não atingir a nota mínima para aprovação até o fim do processo avaliativo, essa nota baixa vai para a secretaria de educação. Caso seja irrecuperável (como um dois no terceiro bimestre para um aluno que já tem três e quatro nos primeiro e segundo bimestres, fazendo ele precisar de 11 para passar de ano) a nota “volta” e o professor é obrigado a fazer mais recuperações até que o estudante tenha condições de passar ao próximo nível.

6. Relação entre ensinios de língua inglesa e língua portuguesa

É imprescindível que um aluno tenha um bom conhecimento de sua língua materna para que a aprendizagem de uma segunda língua seja satisfatória. Língua inglesa e língua portuguesa separam-se apenas no estudo de idiomas. No cérebro, ambas estão ligadas as capacidades relacionadas a linguagens. Logo, boa parte dos conceitos que aprendemos em língua portuguesa podem e devem ser aproveitados em língua inglesa. Um aluno que não compreende a diferença entre “mas” e “mais” dificilmente compreenderá a diferença entre “but” e “more”. Se não difere entre os usos “eu” e “mim” também terá imensa dificuldade em diferir entre “I” e “me”.

Mais que vocabulário, as semelhanças entre as línguas também se estendem aos aspectos estruturais. “Andar” é verbo assim como “to walk” (andar) o é mesmo que em uma língua diferente. “House” e “casa” são substantivos simples. Alguns alunos simplesmente não entendem essa nomenclatura e a dificuldade para ensiná-los aumenta ainda mais.

Torna-se muito difícil ensinar um estudante o “Simple Present” se ele não sabe quem é sujeito, pronome ou verbo. Mesmo que ele saiba as traduções de todas as palavras, continuará colocando o verbo antes do sujeito ou deixando um verbo intacto na forma afirmativa quando o sujeito

está na terceira pessoa do singular por não saber que o sujeito pode ser substituído por um pronome da terceira pessoa do singular.

São conceitos que não mudam do português para o inglês e que se não forem aprendidos na língua materna dificultarão ainda mais o aprendizado de uma segunda língua.

7. O ensino de língua inglesa no Brasil

Os PCN de língua inglesa apontam uma razão pertinente para a deficiência apresentada pela maioria dos discentes em língua inglesa. O inglês começa a ser ensinado nas escolas públicas a partir do sexto ano. Os assuntos sugeridos se assemelham aos sugeridos para o mesmo período em língua portuguesa. A grande diferença está na base oferecida para língua portuguesa que não é ofertada à língua inglesa.

Segundo Bakhtin (1979, p. 282, 283)

[os] gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna (...). A língua materna (...) não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam.

Dessa forma, mesmo sabendo que a criança é fluente no idioma materno ela ainda é alfabetizada nesse idioma, lhe são ensinados fonemas e as formas corretas pronuncia-los. Cabe ao professor ensinar como uma frase se estrutura mesmo que o aluno já seja falante dessa língua. No inglês, além de o aluno geralmente não ter uma local para praticar ou observar a língua em uso, também não tem conhecimento prévio algum. Dessa forma os conteúdos são apenas passados sem a base que auxiliaria na fixação de qualquer conteúdo.

Mesmo que os alunos adquiram um vocabulário extenso, podem não conseguir formar frases ou se comunicarem. E por não terem tido uma alfabetização também na língua não estão aptos a distinguirem pequenas diferenças nas pronúncias de “were” (foram/estavam) e “where” (onde) que fazem toda a diferença na expressão oral.

Se essas dificuldades são levadas adiante fica ainda mais difícil assimilar e internalizar novos conteúdos. É o caso do verbo “to be” que é retomado em quase todos os conteúdos posteriores. Conceitos básicos cuja ausência faz toda a diferença.

8. Conclusão

Conforme o apresentado no presente artigo observa-se a inevitável relação entre os estudos de língua portuguesa e língua inglesa. É impossível atingir um bom nível de fluência em uma segunda língua sem ter um conhecimento satisfatório da língua materna. É o que fala Karin Quast em seu artigo “A língua materna como recurso mediacional na aprendizagem de línguas estrangeiras” (2003):

(...) a utilização da língua materna pode contribuir não apenas como o conhecimento prévio no qual aluno e professor se apoiam para construir novos conhecimento ou para preencher lacunas percebidas na língua estrangeira, mas também para uma melhor intercompreensão, elucidação de dúvidas, favorecimento de contextos significativos para a prática da linguagem e reflexões sobre a linguagem.

Em suma, ensino e aprendizagem deficientes de língua portuguesa para alunos nativos culminam na defasagem ainda maior no ensino de língua inglesa. E sem as bases necessárias torna-se inútil a tentativa posterior de construção de conhecimento que não retome os alicerces que já deveriam estar interiorizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, M. Brasileiros não sabem falar inglês: apenas 5% dominam o idioma. *O Globo*; Set., 2012. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/emprego/brasileiros-nao-sabem-falar-ingles- apenas-5-dominam-idioma-6239142>>. Acesso em: 05-10-2012.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares nacionais de língua estrangeira para o ensino fundamental*. Brasília: MEC, 1998.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa para o ensino fundamental*. Brasília: MEC, 1997.

CASTRO, C. Superpolíglotas: como funciona a cabeça de pessoas que aprendem dezenas de idiomas. *Superinteressante*, maio, 2012. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/super-poli-glotas-como-funciona-cabeca-pessoas-aprendem-dezenas-idiomas-686220.shtml>>. Acesso em: 05-10-2012.

CAVALCANTI, M. *Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil*. 1999.

COSTA, R. Qual é o idioma mais falado do mundo? *Nova escola*; set., 2009. Disponível em:
<<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/qual-idioma-mais-falado-mundo-mandarim-ingles-497578.shtml>>. Acesso em: 05-10-2012.

LANGE, C. de. Age no excuse for failing to learn a new language. *NewScientist*, jul., 2011. Disponível em:
<<http://www.newscientist.com/article/mg21128224.000-age-no-excuse-for-failing-to-learn-a-new-language.html?DCMP=OTC-rss&nsref=online-news>>. Acesso em: 07-10-2012.

MACOWSKI, E. *A construção do ensino-aprendizagem de língua estrangeira com a dolescentes*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

MORENO, A. C. Brasil perde oportunidades por falta de domínio do inglês, diz especialista. *G1*, jul. 2012. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/07/brasil-perde-oportunidades-por-falta-de-dominio-do-ingles-diz-especialista.html>>. Acesso em: 05-10-2012.

QUAST, K. *A língua materna como recurso mediacional na aprendizagem de línguas estrangeiras*. 2003.

ROMANZOTI, N. Alguns Cérebros são melhores que outros para aprender idiomas? *Hype Science*, mar. 2012. Disponível em:
<<http://hypescience.com/algumas-pessoas-sao-melhores-em-aprender-novas-linguas-que-outras>>. Acesso em: 05-10-2012.

SOUTO, E. *Você sabe como seu cérebro aprende idiomas?* jun. 2012. Disponível em:
<<http://www.vocepodefalaringles.com.br/2012/06/voce-sabe-como-seu-cerebro-aprende.html>>. Acesso em: 05-10-2012.

SILVA, J. P. da. *O desenvolvimento da linguagem*. Disponível em:
<<http://www.filologia.org.br/pereira/textos/odesenvolvimento.htm>>. Acesso em: 05-10-2012.